

## O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NA ESCOLA

Scheila Simone Secretti <sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo discorre sobre a formação do arte-educador na atualidade, a necessidade em saber arte e saber ser professor de Artes Visuais, capaz de adquirir os conhecimentos necessários para mediar, intervir e dirigir eficientemente o processo de troca de conhecimentos entre os alunos e o universo artístico. Descreve o papel deste profissional e sua função na educação e na escola, as competências que o arte-educador deve dominar para sensibilizar seus alunos em situações de ensino-aprendizagem e quais as formas possíveis de realizar o trabalho escolar em Artes Visuais na contemporaneidade. Também salienta a importância do arte-educador em repensar sua prática e criar novas maneiras de ensinar para que os conhecimentos artísticos façam sentido na vida do aluno.

**Palavras-chave:** Arte-educador. Contemporaneidade. Artes Visuais. Universo artístico. Competências.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo focar o ensino das Artes Visuais como tema relevante e a necessidade do arte-educador em estar preparado para o trabalho escolar, dominando a teoria e a prática desta linguagem artística na escola. Através deste, o professor estará não apenas compreendendo como articular o ensino e a aprendizagem de arte, mas também redefinido vários conceitos.

### METODOLOGIA

O tema descrito a seguir traz questões sobre a arte, a arte-educação e o arte-educador no ensino das Artes Visuais. Inicialmente, a pesquisa retrata a escola contemporânea e o ensino de arte, bem com, discorre sobre a presença da arte no currículo escolar, revendo sua inserção na história e a tentativa de justificar o ensino da arte como expressão e cultura. Na seqüência, o texto aborda a formação do Arte-educador, apontando as competências

---

<sup>1</sup> Graduada em Artes Visuais pela UNIJUÍ. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes, Modalidade EAD - Facinter pela Universidade Internacional de Curitiba – UNINTER.  
scheilasecretti@yahoo.com.br

necessários ao professor de arte na atualidade, da formação inicial à continuada, a docência e as novas tecnologias.

O objetivo primordial desta revisão bibliográfica é esclarecer dúvidas quanto ao papel do arte-educador ao trabalhar com Artes Visuais e aprofundar os conhecimentos sobre a tarefa deste profissional na educação e na escola a partir de produções bibliográficas de vários profissionais do mundo artístico e arte-educadores conceituados o bastante para enriquecer este artigo e fundamentar esta produção teórica.

## **DESENVOLVIMENTO**

O mundo contemporâneo traz novos desafios com as descobertas científicas e tecnológicas que alteram em muito a vida cotidiana das pessoas, o que repercute na escola e no processo de ensino-aprendizagem. “No entanto, alguns princípios devem nortear o ensino de Arte no mundo contemporâneo, que vão desde a postura do professor até os conteúdos por ele selecionados, devendo-se considerar, de todo modo, aquilo que se espera que os alunos desenvolvam” (ZAGONEL, 2008, p.79). Isso quer dizer que a educação de hoje requer ser mais significativa, que busque a formação de sujeitos mais reflexivos.

Por muito tempo, o Ensino da Arte, denominado de Educação Artística, moveu-se sob duas concepções distintas: o ensino Propedêutico, que utilizava principalmente o desenho de observação para preparar a mão-de-obra para o mercado de trabalho e o ensino de livre-expressão que deixava livre as práticas pedagógicas, centrando-se em atividades baseadas no “laissez-faire<sup>2</sup>”. Assim, o uso instrumentalizador da arte, bem como, a ideia de passatempo e inutilidade passou por questionamentos. A Semana de Arte Moderna de 1922 influenciou o Ensino da Arte e contribuiu para abrir novos caminhos às artes brasileiras. Na década de 60 alguns pensadores internacionais voltaram a sugerir a retomada dos conteúdos nas aulas de arte, mas esse movimento aconteceu somente na década de 70 com o aparecimento do DBAE<sup>3</sup> nos Estados Unidos e que desencadeou no Brasil, a Proposta Triangular<sup>4</sup> sistematizada por

---

<sup>2</sup> Expressão usada na educação no séc. XIX designando a ideia de “deixa fazer”.

<sup>3</sup> “Discipline Based Art Education” – É uma metodologia do ensino da arte criada nos EUA.

<sup>4</sup> Metodologia Triangular foi o termo inicialmente utilizado por Ana Mae Barbosa para denominar a proposta de arte-educação que contempla o fazer artístico, a leitura de imagem e a contextualização histórica. Este termo foi mais tarde substituído pela própria autora, por Proposta Triangular. (83) 3322.3222

Ana Mae Barbosa<sup>5</sup> no final da década de 80 e que foi fonte inspiradora da orientação metodológica dos PCNs Arte com a nomenclatura adaptada de “*produção, fruição e reflexão*”. Segundo Ana Mae Barbosa (1991, p. 36-37), esta proposta de ensino corresponde às quatro coisas que as pessoas fazem com a arte: “Elas a produzem, elas a veem, elas procuram entender seu lugar na cultura através do tempo, elas fazem julgamento a cerca de sua qualidade”. Assim, a arte-educação incorporou a necessidade de conferir uma possibilidade mais crítica e significativa para o aluno, enfatizando a arte enquanto linguagem e sua dimensão expressiva e cognitiva.

A reforma educacional implantada pela Lei 5692/71, estabeleceu como componente obrigatório, a Educação Artística, no sentido de tratar sobre a música, o teatro, a dança e artes plásticas, valorizando as quatro linguagens. Porém, “Essa proposta de inter-relação das artes não se mostrou eficaz, principalmente devido à falta de uma formação especializada, tanto pedagógica quanto de conteúdo, do profissional dessas diversas áreas requisitadas” (ZAGONEL, 2008, p. 52). Já, em 1996, o termo Educação Artística foi substituído, com a LDB, Lei nº 9.394 pelo termo “Ensino da Arte” e essa disciplina passou a ser parte obrigatória do currículo, mas “apesar de o ensino de Arte ser parte obrigatória do currículo, não há interesse, por parte de muitas escolas e de seus diretores, em que esse ensino se faça com qualidade e seriedade” (ZAGONEL, 2008, p. 57). Sua obrigatoriedade não especifica como isso deve ocorrer, não distribui as quatro linguagens da arte em períodos no ensino, nem tampouco privilegia uma linguagem em detrimento de outras. Neste sentido, Bernadete Zagonel (2008, p. 21) nos esclarece que, “a escola pode trabalhar, dentre as quatro linguagens artísticas sugeridas, com as que forem de encontro a suas possibilidades e interesses”. Assim, a escola pode determinar como serão trabalhados os conhecimentos em Arte, tendo em vista o seu espaço, suas condições materiais e recursos humanos, seus interesses sociais e educativos, bem como levar em consideração o interesse da clientela que atende.

O aluno deve estar envolvido continuamente por um processo de ensino sustentado pelo fazer e pela criação, possibilitando um aprendizado mais eficaz. Assim, ele pode fazer uso de suas habilidades sempre, tornando-se cada vez mais criativo e encontrando as soluções necessárias em sua vida pessoal e profissional.

---

<sup>5</sup> Professora titular aposentada da USP, atuando no doutorado em Arte/Educação que implantou na ECA. Foi diretora do Museu de Arte Contemporânea. Publicou 16 livros sobre Arte e Arte/Educação.

A compreensão que se tem por formação do professor na contemporaneidade abrange bem mais do que a formação acadêmica. Um professor não se constitui professor a partir do momento que decide sê-lo ou que possui um diploma. Para Guarnieri (2000, p. 5 apud LAMPERT<sup>6</sup>, 2005, p. 150)

É no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, o aprendizado da profissão a partir do seu exercício possibilita configurar como vai sendo construído o processo de aprender a ensinar. Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente.

A atuação do professor não se restringe somente a docência, inclui também a participação no projeto educativo e curricular da escola, a produção de conhecimento pedagógico e a participação na comunidade educacional. Nesse sentido, Fusari (1993, p. 49) salienta que

O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico. No caso do professor de Arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas. Em síntese, ele precisa saber arte e saber ser professor de arte.

Infelizmente, a formação do arte-educador a as políticas públicas relacionadas à educação e ao ensino da arte na escola ainda não são suficientes para garantir o ensino de qualidade e a acessibilidade à locais que possuem produções artísticas de maneira satisfatória para todos, pois a arte ainda não é considerada como disciplina curricular relevante, pois a carga horária do componente curricular Arte é pequena para trabalhar todas as linguagens artísticas e os profissionais que atuam não conseguem dar conta do processo ensino-aprendizagem de forma polivalente, uma vez que o arte-educador dificilmente tem formação específica em Artes Visuais, em Teatro, em Música e em Dança também. Para Neide P. Campos<sup>7</sup> (2002, p. 59):

A demanda criada pela atual LDB desvelou uma realidade antiga: o ensino de arte vem, há muito, sendo ministrado por quem não o conhece e que desenvolve uma prática não vivenciada, pois não as vivenciou nem como aluno nem como professor.

---

<sup>6</sup> Professora do Departamento de Artes Visuais da UFSM. Artista Plástica e Licenciada em Desenho e Plástica.

<sup>7</sup> Arte-educadora e professora de Artes Visuais na Universidade de SC desde 1984. Mestre pela UFSC.

Hoje, novas necessidades foram criadas por leis e documentos oficiais e, diante deste contexto, os professores têm buscado freqüentemente cursos de formação.

O que se percebe é que o ensino da arte está relegado ao segundo plano. Esta situação vem sendo objeto de reflexão e prática por parte dos arte-educadores, interessados em reverter à situação em favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da arte. Daí a preocupação com a formação de profissionais que vão exercer as funções na formação e orientação de crianças e de jovens. Sobre o assunto, Ivone Mendes Richter<sup>8</sup> (apud OLIVEIRA<sup>9</sup>, 2005, p. 45) afirma que

O Brasil vem passando, nas duas últimas décadas, por um processo cada vez mais intenso de discussões e reflexões sobre a formação do professor para o ensino das artes. Os processos de avaliação do ensino superior que vêm sendo implantados pelo governo federal, nos últimos dez anos, têm provocado também muitas preocupações, especialmente no que concerne às especificidades da arte e de seu ensino.

Sabemos que para cada área do conhecimento é necessário uma formação específica, mas o arte-educador precisa trabalhar de forma polivalente, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem e privando os alunos dos conhecimentos específicos que um profissional capacitado poderia desenvolver em cada linguagem artística. Por isso, o arte-educador contemporâneo precisa inovar constantemente e ter conhecimento de diferentes didáticas relacionadas às metodologias de ensino atuais, estabelecendo como foco principal, as habilidades dos alunos e o estímulo à criatividade durante todo o processo de ensino-aprendizagem. “Nesse contexto, há ainda a necessidade de ser feito um ensino voltado à estética da arte contemporânea, que é a expressão de nosso tempo. Para isso é necessário enfocar o uso das tecnologias contemporâneas também integrantes do ensino de Arte na escola” (ZAGONEL, 2008, p. 83). Contudo, cada professor deve desenvolver seu próprio método de ensino em função da personalidade e da percepção que tem sobre seus alunos.

Na formação dos arte-educadores e no trabalho com as Artes Visuais na escola, é preciso considerar importante o uso dos materiais disponíveis que promovem o aumento de informações de maneira mais rápida, mas é preciso planejamento e organização para contemplar a eficácia do ensino da arte e seu valor subjetivo ao educando, possibilitando seu desenvolvimento cognitivo e expressivo. Zagonel (2008, p. 103) afirma que “A tecnologia

---

<sup>8</sup> Doutora em Educação pela UNICAMP. Mestre em Arte-educação.

<sup>9</sup> Doutora em História da Arte (1995) pela Universidade de Barcelona.

não é mais algo distante da vida das pessoas, está perto de nós e faz parte do nosso cotidiano. É possível usar o que ela pode oferecer de maneira criativa e tornar o trabalho escolar mais atraente” utilizando as crescentes mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, principalmente com o avanço da tecnologia.

A acessibilidade a bens culturais e a apreciação da arte também interferem na formação do professor, uma vez que, para a maioria dos arte-educadores e principalmente sobre as Artes Visuais, a vivência artística ainda é restrita. Visitas às exposições; museus; monumentos históricos e artísticos; apreciações de cinemas; teatros e concertos são possibilidades distantes dos profissionais por residirem longe dos grandes centros culturais ou por questões financeiras, ou também pelo motivo de os professores se sentirem pouco provocados a tal experiência. Assim, a possibilidade de entrar em contato com produções artísticas e ampliar o conhecimento sobre a arte acabam sendo desperdiçados e a formação do arte-educador é prejudicada, “pois acreditamos que, quanto maior o repertório do professor, mais opções ele terá em seu trabalho” (CORTELAZZO, 2008, p. 122).

Nesse enfoque, cabe ressaltar a importância de políticas públicas de educação, pois o contrário, o compromisso fica somente sobre os ombros do professor. “O professor precisa ser ‘olhado’ nas suas qualidades e deficiências de formação, compreendido como ser humano que é, nas suas dificuldades e condições, para, então, propiciarem-se meios para que possa construir o eu, sujeito-professor” (CAMPOS, 2002, p. 65).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A competência que o professor deve desenvolver ao longo de sua ação docente é exatamente saber mediar a teoria e a prática e utilizá-las adequadamente conforme as diferentes situações de ensino. Conforme Clermont Gauthier<sup>10</sup> (1998, p. 28, apud OLIVEIRA, 2005, p. 63) “Os saberes profissionais devem resultar da combinação do saber disciplinar, do curricular, do experiencial, da tradição pedagógica e da ciência da educação”.

Todavia, mais do que dominar técnicas, se faz necessário, entender para que servem, quando uma determinada linguagem das Artes Visuais é mais adequada do que a outra, o que se pretende ensinar através de determinado procedimento e quais as obras que mais dialogam

---

<sup>10</sup> Livro: Por uma teoria da Pedagogia, pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

com o assunto. “O educador deve inovar sempre, modificar suas aulas, afinal, criatividade é tudo” (CORTELAZZO, 2008, p. 122). É emergente na educação, um educador pensador, reflexivo e que olha para seu exercício pedagógico, sustentando-o na teoria e na prática e reinventando-o, sem depender de métodos engessados. Segundo Maurice Tardif<sup>11</sup> (2002, p. 295 apud OLIVEIRA, 2005, p. 60)

Aprender a profissão docente supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que perfazem as adjacências da escola? Que fatores explicam a constituição desta escola e dessa comunidade? Quais os determinantes históricos, políticos e culturais dessa realidade?

Para dar mais sentido à suas aulas, o educador também precisa prepará-las de acordo com o interesse do educando, de forma que o leve a sentir-se desafiado a desenvolver a sua criatividade e interesse pelo assunto, o que promoverá o seu crescimento intelectual e social.

Um professor não é competente quando consegue dar uma boa aula somente, é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significado ao que ensina e ter a ação adequada a cada tipo de situação de ensino. O professor de Artes Visuais é responsável pelo sucesso dos alunos a melhorarem suas sensibilidades e seus saberes práticos e teóricos de todas as linguagens visuais, como na fotografia, na escultura, no desenho, na pintura, etc. Para Bernadete Zagonel<sup>12</sup> (2008, p. 107)

O que podemos esperar, sim, e almejar, é um professor sensível e disposto a enfrentar desafios. Um professor apaixonado pelo que faz, pelos seus alunos e pela arte. Um professor disposto a buscar sempre novos caminhos, disposto a interagir, disposto a aprender.

O ensino das Artes Visuais evidencia que os alunos conheçam e vivenciem aspectos técnicos, inventivos, representacionais e expressivos. Para isso é preciso organizar um trabalho consistente, através de exercícios artísticos e estéticos, de um programa de teoria e história da arte, inter-relacionados com a sociedade da época e a atual. É possível atingir um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir e criar a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando, refletindo, formando e transformando-os. É com essa abrangência que a arte deve

---

<sup>11</sup> Maurice Tardif. Saberes docente e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

<sup>12</sup> Professora de Educação Musical na UFPR. Doutora em música pela Sorbonne – Université de Paris IV.

ser utilizada pelos educandos. Para Fusari & Ferraz (1993, p. 52) “[...] o professor de Arte precisa se posicionar com clareza sobre as dimensões estéticas e artísticas que devem conectar-se na educação escolar dos estudantes”.

O educador também precisa saber transmitir as informações e conhecimentos de forma clara e acessível ao educando. Os conhecimentos artísticos e estéticos que o professor pretende promover aos seus educandos deverão fazer-lhes sentido, a partir de suas experiências e a partir da provocação que este professor seja capaz de despertar nos seus educandos, pois o educando só aprende quando vê algum sentido na aprendizagem. Barbosa (1994, p. 4) acrescenta que “Precisamos arte + educação + ação e pesquisa para descobrir como nos tornarmos mais eficientes no nosso contexto educacional, desenvolvendo o desejo e a capacidade de aprender de nossas crianças”.

A reflexão do professor sobre sua prática é o guia do processo ensino-aprendizagem. “O aluno precisa sentir que as expectativas e as representações dos professores a seu respeito são positivas, ou seja, seu desenvolvimento em arte requer confiança e representações favoráveis sobre o contexto de aprendizagem” (IAVELBERG, 2003, p. 11). O papel da arte na educação tem relação com o papel do arte-educador na escola pela responsabilidade de ser agente investigador e articulador da cultura, diante da realidade que possui onde se encontra. “Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor da construção de sua própria nação” (BARBOSA, 2003, p. 14).

O mundo está repleto de imagens, por isso, o professor precisa estar atento a essas imagens para desenvolver o olhar crítico de seus educandos. Para isso, requer estar educado esteticamente e saber como ocorre os processos de compreensão da leitura das imagens pelo sujeito. De acordo com Barbosa (1994, p. 34-35)

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas, estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e móvel, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento. Essa decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e em relação ao passado.

Os alunos precisam aprender a decodificar as imagens através de dinâmicas de leitura e questionamentos sobre as representações visuais. “No caso das aulas de Arte, quando for

submetida à prática da observação, da escuta e à discussão de suas próprias criações artísticas e das criações dos colegas, o aluno estará sendo preparado para a análise de obras de arte em geral e, conseqüentemente, para suas futuras atividades profissionais” (ZAGONEL, p. 95)

Trabalhar com obras de arte é indispensável no ensino das artes visuais, bem como diz Analice Dutra Pillar (1992, p. 12) “[...] Uma obra de arte pode levar um aluno a envolver-se em profundidade na sua produção individual, bem como a um entendimento mais amplo do fazer artístico”. Esse entendimento mais amplo deveria ser o eixo central de toda aula de arte, possibilitar ao educando a compreensão das estruturas, das composições e ideias presentes numa imagem. Os educandos não aprendem conceitos com desenhos, eles constroem esses conceitos pela abstração reflexiva à medida que atuam sobre o objeto. Todavia, “despertar o indivíduo para a experiência estética e sensibilizá-lo para as artes é mais importante do que lhe transmitir informações teóricas a respeito delas” (ZAGONEL, 2008, p. 89).

Para ser um arte-educador contemporâneo, é necessário criar, buscar, experimentar e inovar continuamente seu trabalho nas linguagens das Artes Visuais, utilizando preferencialmente, a Proposta Triangular, como um mapa que indica o melhor caminho para que o ensino-aprendizagem da Arte na escola aconteça com sucesso e aplicá-la com interesse, pesquisa e envolvimento. Barbosa (1998, p. 41) explica que

A Proposta Triangular é construtiva, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade.

Então, o ensino da Artes Visuais na escola precisa de um professor capaz de articular no trabalho pedagógico, os três campos conceituais: a criação/produção, a percepção/análise e o conhecimento da produção artístico-estética e culturalmente. Esses três campos conceituais estão presentes nos PCN – Arte, que representam o ensino da arte nas escolas. Ana Mae Barbosa<sup>13</sup> (2003, p. 2-4) confirma que “para uma experiência cognocente que impulsiona a percepção da cultura do outro e relativize as normas e valores da cultura de cada um teríamos que considerar o fazer (ação), a leitura das obras de Arte (apreciação) e contextualização, quer seja histórica, cultural, social, ecológica”. Para Zagonel (2008, p. 93), “Essa maneira de ensinar exige do docente uma grande disponibilidade, muita atenção e imaginação e um

---

<sup>13</sup> É a principal referência no Brasil para o ensino da Arte nas escolas, tendo sido a primeira brasileira com doutorado em Arte-educação, defendido em 1977, na Universidade de Boston.

estado de alerta constante para atender as solicitações de seus alunos. O professor deve saber com clareza aonde quer chegar e quais as habilidades que pretende ver desenvolvidas em seus alunos a cada etapa do processo”. O trabalho pedagógico pode ser organizado livremente, na maneira mais apropriada para o tema, pois “mudar o fluxo de uma aula ou organizá-la a partir das ideias e curiosidades dos alunos e trabalhar produtivamente em cima de suas sugestões não significa desestruturar o ensino ou torná-lo superficial. Ao contrário, representa lhes dar a oportunidade de criar seu próprio processo de ensino-aprendizagem” (ZAGONEL, 2008, p. 93). Um trabalho artístico que parte do interesse e da curiosidade do aluno produz maior envolvimento porque ele sente que o assunto lhe diz respeito e demonstra maior prazer ao realizar as atividades, colocando todo seu empenho criativo e emocional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão de quais objetivos a educação de hoje se propõe é indispensável ao arte-educador, a fim de que a Arte cumpra seu papel social na escola, isto é, forme educandos capazes de aprender permanentemente com as artes visuais, sejam capazes de ler imagens de maneira crítica e tenham os sentidos voltados para o mundo que os rodeia, tornando-os sujeitos reflexivos e conhecedores da arte e do mundo.

Não cabe mais o professor ser apenas técnico. Ele precisa ampliar sua capacidade reflexiva, ser dono de seu pensar e recuperar a centralidade da educação. Uma das posturas que pode vir a efetivar tais mudanças é todo professor ser e ensinar a ser pesquisador.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2003.

----- . **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

----- . **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

BISOGNIN, Edir Lucia. Abordagens metodológicas no ensino da História da Arte. IN: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. HERNANDEZ, Fernando (orgs). **A formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria. Ed. UFSM. 2005.

CAMPOS, Neide Pelaez. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. Da UFSM, 2002.

CORTELAZZO, Patrícia Rita. **A história da arte por meio da leitura de imagens**. Curitiba: Ibpx, 2008.

FUSARI, Maria F. de Rezende e, FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LAMPERT, Jocielle. Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das Artes Visuais. IN: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Hernández, Fernando (org.). **Formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. HERNANDEZ, Fernando (orgs). **A formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria. Ed. UFSM. 2005.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

RICHTER, Ivone Mendes. A formação do professor de Artes Visuais e uma perspectiva internacional: implicações para o ensino de arte no Brasil. IN: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Hernández, Fernando (org.). **Formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Ibpx, 2008.